

**UNIVERSIDADE DO ESTUDO DO AMAZONAS - UEA
ESCOLA SUPERIOR DE ARTE E TURISMO - ESAT
CURSO DE BACHARELADO TURISMO**

**EDSONNEY TITO INACIO
BURÜECÜ**

**A IMPORTÂNCIA DO TURISMO PARA A VALORIZAÇÃO E A
SUSTENTABILIDADE DOS COSTUMES E TRADIÇÕES DA ALDEIA TIKUNA
BETÂNIA ME'CÛRANE**

MANAUS

2025

EDSONNEY TITO INACIO

**A IMPORTÂNCIA DO TURISMO PARA A VALORIZAÇÃO E A
SUSTENTABILIDADE DOS COSTUMES E TRADIÇÕES DA ALDEIA TIKUNA
BETÂNIA ME'CÛRANE**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado como requisito parcial para obtenção de nota de AP2 da disciplina de Seminário de Pesquisa II do curso de turismo da Universidade do Estado do Amazonas.

Orientadora: Profa. Dra Jocilene Gomes Cruz

MANAUS
2025

EDSONNEY TITO INACIO

**A IMPORTÂNCIA DO TURISMO PARA A VALORIZAÇÃO E A
SUSTENTABILIDADE DOS COSTUMES E TRADIÇÕES DA ALDEIA TIKUNA
BETÂNIA ME'CÛRANE**

Artigo apresentado, avaliadora a aprovação pela Comissão Examinadora e referendado pelo Colegiado do Curso de Turismo da Universidade do Estado do Amazonas como requisito parcial á obtenção do título de Bacharel em Turismo.

Data de aprovação: 06/06/2025.

Comissão Examinadora:

Presidente:



PROFA. JOCILENE GOMES DA CRUZ, Dr^a
Orientadora, Universidade do Estado do Amazonas-UEA

Membro 2:



ANDREIA BENCHIMOL DE ANDRADE, Me
Serviço Nacional de Aprendizagem Comercial – SENAC/AM

Membro 3:



PROFA. SELMA PAULA MACIEL BATISTA, Dr^a
Universidade do Estado do Amazonas-UEA

MANAUS
2025

**A IMPORTÂNCIA DO TURISMO PARA A VALORIZAÇÃO E A
SUSTENTABILIDADE DOS COSTUMES E TRADIÇÕES DA ALDEIA TIKUNA
BETÂNIA ME'CÛRANE**

**THE IMPORTANCE OF TOURISM FOR THE VALUE AND SUSTAINABILITY OF
THE CUSTOMS AND TRADITIONS OF THE TIKUNA VILLAGE BETÂNIA
ME'CÛRANE**

Edsonney Tito Inacio¹
Jocilene Gomes da Cruz²

RESUMO: Este trabalho é dedicado ao povo indígena Tikuna, que habita a região do Alto Solimões, com foco especial na Comunidade Indígena Betânia Me'cũrane, localizada no município de Santo Antônio do Içá, estado do Amazonas, na margem esquerda do rio Solimões. O estudo aborda a importância do turismo como instrumento de valorização e sustentabilidade dos costumes e tradições culturais dos povos indígenas que vivem em aldeias. Trata-se de uma pesquisa de abordagem qualitativa, que busca compreender a realidade local a partir das experiências e percepções dos próprios moradores. O objetivo geral é analisar a importância do turismo para a sustentabilidade dos costumes e tradições culturais na aldeia indígena Tikuna Betânia Me'cũrane, destacando como essa prática pode servir como um meio de preservação e valorização da rica cultura indígena. Os objetivos específicos são: i) Investigar quais agentes operam com a prática do turismo na aldeia tikuna Betânia Me'cũrane; ii) Identificar os aspectos positivo e negativo que a prática do turismo gera na aldeia tikuna Betânia Me'cũrane; iii) Avaliar o potencial do turismo como alternativa para sustentabilidade cultural e financeira da aldeia tikuna. O trabalho busca contribuir com reflexões e propostas que valorizem a cultura Tikuna por meio de um turismo responsável e respeitoso.

Palavras-chave: Turismo indígena; Cultura Tikuna; Sustentabilidade; Comunidade Betânia Me'cũrane.

ABSTRACT: This work is dedicated to the Tikuna Indigenous people, who inhabit the Alto Solimões region, with a special focus on the Betânia Me'cũrane Indigenous Community, located in the municipality of Santo Antônio do Içá, in the state of Amazonas, on the left bank of the Solimões River. The study addresses the importance of tourism as a tool for the appreciation and sustainability of the cultural customs and traditions of Indigenous communities living in villages. This is a qualitative research that seeks to understand the local reality based on the experiences and perceptions of the residents themselves. The general objective is to analyze the importance of tourism for the sustainability of customs and cultural traditions in the Tikuna indigenous village of Betânia Me'cũrane, highlighting how this practice can serve as a means of preserving and valuing the rich indigenous culture. The specific

¹ Edsonney Tito Inacio Finalista do Curso de Bacharelado em Turismo. Universidade do Estado do Amazonas (UEA), Manaus, Amazonas, Brasil. E-mail: eti.tur22@uea.edu.br/ <https://lattes.cnpq.br/0537422685439132>.

² Professora Associado, Universidade do Estado do Amazonas, Manaus, AM, Brasil. E-mail: jgcruz@uea.edu.br, Manaus Amazonas, Brasil.

objectives are: i) To investigate which agents are involved in tourism practices in the Tikuna village of Betânia Me'cürane; ii) To identify the positive and negative aspects that tourism generates in the Tikuna village of Betânia Me'cürane; iii) To evaluate the potential of tourism as an alternative for the cultural and financial sustainability of the Tikuna village. This work aims to contribute with reflections and proposals that promote Tikuna culture through responsible and respectful tourism.

Keywords: Indigenous tourism; Tikuna culture; Sustainability; Betânia Me'cürane Community.

1 INTRODUÇÃO

A Comunidade Vila de Betânia Me'cürane (ME'CÜRANE significa clã de MUTUM), é uma aldeia indígena da etnia Tikuna localizada na zona ribeirinha de Santo Antônio do Içá, município a 879 quilômetros de Manaus. De acordo com dados do Painel SESAI – Sistema de Informação da Saúde Indígena (2025) vivem na comunidade mais de 4.358 habitantes, tendo em sua maioria a população indígena adulta e cristã. Atualmente as terras da comunidade são homologadas e reconhecidas pela Fundação Nacional dos Povos Indígenas (FUNAI), órgão indigenista oficial do estado brasileiro.

Os indígenas moradores da comunidade Vila Betânia Me'cürane vivem da pesca e da roça para sustentar sua família, estando em uma localização abençoada com lagos e abundância, foi o ponto de partida para que as lideranças e comunitárias lutassem pela demarcação do território que hoje pertence aos Tikuna. Um dos principais problemas enfrentados no contexto atual é o alcoolismo e outras drogas, a comunidade relata que, em diversas ocasiões, o abuso de álcool e drogas esteve associado a casos de suicídio. Na comunidade a maioria são cristãos, por esse motivo a maioria não se interessa mais pelos costumes tradicionais indígenas. De acordo com os relatos dos moradores a comunidade foi fundada em 1962 pelo missionário norte-americano Edward, da missão Associação de Batista de Evangelización World (ABEW), uma entidade norte-americana que fica na Califórnia.

Ao longo dos anos, a ABEW tem sido um importante colaborador para o povo Tikuna, trazendo esperança e fortalecendo a fé cristã na comunidade. Nos primeiros tempos, os Tikuna enfrentavam incertezas quanto à posse e sobrevivência em seu próprio território, porém, por meio do trabalho da missão, conseguiram a demarcação das terras, por outro lado, os princípios

religiosos promovem o abandono de muitas práticas culturais.

Pelo atual contexto vivido na Comunidade Vila Betânia Me'cürane, considera-se que as discussões sobre o turismo, a sustentabilidade e a valorização do costume e da tradição do povo Tikuna são de grande relevância, pois observa-se que as atuais gerações que vivem na comunidade não valorizam sua cultura, como o ritual da moça nova, danças tradicionais e artesanatos. Isso ocorre, entre outros fatores, como consequência da evangelização e também da chegada da tecnologia. A internet, as redes sociais e os celulares têm influenciado negativamente, pois muitos jovens passam a valorizar mais os costumes urbanos e estrangeiros vistos online do que as práticas tradicionais da comunidade. Além disso, o uso excessivo da tecnologia pode afastá-los das atividades culturais e do convívio com os mais velhos, responsáveis por transmitir os conhecimentos ancestrais.

É importante destacar que a chegada do turismo na comunidade gera muitas críticas por parte dos pastores e dos membros da igreja, mas por lado, há um grupo de associados do Instituto Ngutapa, que acreditam que o turismo pode trazer contribuições importantes, por isso se organizaram e criaram um Instituto Ngutapa, com o intuito de fortalecer costumes tradicionais e estruturar atividades turísticas na comunidade como um meio para obter renda alternativa, e ao mesmo tempo fortalecer a cultura, sendo dessa forma que turismo chegou na comunidade Vila Betânia Me'cürane.

O Instituto Ngutapa, tem cinco ano de existência na região do Alto Rio Solimões, comunidade indígena Tikuna Betânia Me'cürane. O Instituto de Etnodesenvolvimento – NGUTAPA é uma associação sem fins econômico, de direito privado, com autonomia administrativa e financeira. A sede fica situada na rua Tchirutapü S/N, Maloca Tchirugüne Comunidade Betânia Me'cürane, município de Santo Antônio do Içá, no estado do Amazonas. Suas primeiras ações com as comunidades indígenas foram nas seguintes linhas: fortalecimento das comunidades Indígenas; apoio e valorização das práticas culturais e produção de artesanatos indígenas; organização de visitação de turismo nas comunidades Indígenas; atividade agrícola sustentável; palestras em educação ambiental com jovens e adultos; festival cultural indígenas e feiras comunitária; articulações e parceria com as organizações indígenas do estado do Amazona

A presente proposta de pesquisa teve como questão central verificar de que forma a atividade turística na Betânia Me'cürane pode contribuir para sustentabilidade dos costumes e tradições culturais. Em decorrência de vários acontecimentos, considera-se que o turismo pode ser importante para fortalecer a comunidade, para manter e não ser esquecida a cultura

tradicional, como os rituais, as danças, assim como proteger a fauna e a flora que são as fontes de alimentos dos moradores. Por meio do trabalho buscamos refletir sobre a importância do turismo como forma de valorizar e fortalecer a cultura dos povos originários Tikuna, que sofre com a influência da evangelização, que nega a cultura originária, definida como profana.

A pesquisa buscou investigar como a interação com os visitantes pode fortalecer a identidade cultural da comunidade, promover o respeito e a valorização das tradições, e gerar renda que contribua para a manutenção dos modos de vida tradicionais. Analisamos também os desafios e oportunidades que o turismo sustentável apresenta para a aldeia, incluindo a necessidade de um modelo que respeite as práticas culturais e sociais dos Tikuna, evitando a mercantilização e a homogeneização cultural. Com a pesquisa foi possível pensar nas estratégias que a comunidade pode adotar para garantir que o turismo contribua de forma positiva para a sua autonomia e para o fortalecimento das suas tradições, promovendo, assim, o equilíbrio entre o desenvolvimento econômico e a preservação cultural.

1. O TURISMO EM TERRITÓRIOS INDÍGENAS

1.1 O turismo em terras indígenas e o plano de visitação

O turismo em terras indígenas tem se tornado uma atividade relevante tanto para o fortalecimento das culturas tradicionais quanto para o desenvolvimento sustentável das comunidades. Quando bem planejado, ele contribui para a valorização do modo de vida indígena, promovendo o intercâmbio cultural e a geração de renda de forma respeitosa e responsável. Por esse prisma, o plano de visitação se apresenta como um instrumento fundamental para organizar e controlar o fluxo de turistas, garantindo que a presença de visitantes não interfira negativamente nas práticas culturais, no meio ambiente ou na autonomia das comunidades indígenas. Esse plano é elaborado com a participação ativa dos povos indígenas, considerando seus interesses, seus conhecimentos tradicionais e suas formas de organização social (FUNAI, 2015).

A construção de um plano de visitação deve respeitar os direitos garantidos pela Constituição Federal de 1988 e pela Convenção 169 da OIT, que reconhecem o direito dos povos indígenas de decidir sobre suas próprias formas de desenvolvimento e sobre o uso de seus territórios. A regulamentação do turismo em terras indígenas no Brasil é resultado de um processo histórico marcado por conflitos, reivindicações e conquistas de direitos. Até meados do século XX, as atividades turísticas em territórios indígenas ocorriam de maneira informal, muitas vezes desrespeitando as tradições e afetando negativamente as comunidades.

Com o avanço das discussões sobre os direitos indígenas e a necessidade de proteger seus territórios, começou-se a reconhecer a importância de normas específicas para regular o turismo nessas áreas. A partir dos anos 2000, iniciativas governamentais e de organizações indígenas passaram a construir diretrizes que equilibrassem a promoção do turismo com a proteção dos povos originários.

A criação de normas como a Instrução Normativa nº 03/2015 da FUNAI representa um marco nesse processo, pois estabelece critérios e procedimentos para a realização de atividades turísticas em terras indígenas, exigindo o consentimento das comunidades e o respeito aos seus usos e costumes. Essa normatização é resultado de um esforço conjunto entre o Estado brasileiro, as organizações indígenas e entidades da sociedade civil.

O turismo envolvendo comunidades indígenas vem sendo desenvolvido em diversas partes do mundo. No Brasil, há inúmeras iniciativas que, no entanto, não eram regulamentadas por conta de questões como a tutela do Estado, falta de consenso entre estudiosos, governo, entidades e comunidades sobre a importância da regulamentação, entre outras. O turismo em territórios indígenas e, em diversos documentos, o Estado apontava a importância da autonomia e protagonismo indígena, inclusive em projetos sustentáveis de ecoturismo e etnoturismo; e, também ressaltava a necessidade da regulamentação desses segmentos. Em junho de 2015, o turismo em Terras Indígenas foi regulamentado, trazendo o debate sobre o turismo envolvendo comunidades indígenas a um novo patamar.

O Turismo em terra indígena é realizado com a autorização da FUNAI, no Brasil, desde 2015, para a regulamentação do turismo em Terras Indígenas (TIs) é necessária a criação de um plano de visitação a ser apresentado à FUNAI, baseado no Turismo de Base Comunitária (TBC), com enfoque nos segmentos de ecoturismo, etnoturismo e/ou turismo de pesca (FUNAI, 2015).

No entanto, embora a legislação nacional não proibisse explicitamente tal prática, é importante destacar que muitas dessas atividades eram realizadas de forma irregular por não indígenas. Diversos instrumentos legais vinham abordando, inclusive, a necessidade do desenvolvimento econômico e turístico nessas comunidades, além do fortalecimento da autonomia indígena sobre seu modo de vida e subsistência.

1.1 impactos negativos e positivos nas comunidades indígenas e não indígenas

Há um número de estudos apontando os impactos negativos que a atividade turística pode gerar nas comunidades indígenas, conforme destaca o Quadro 1. Um dos principais

impactos é a transformação da identidade indígena para atender às expectativas dos turistas em alguns casos, os indígenas passam a representar papéis folclorizados ou estereotipados, como se fossem "personagens exóticos" para entretenimento. Isso provoca a perda de elementos culturais autênticos e a inserção de valores externos, que não condizem com os da comunidade, como o incentivo ao consumo de álcool e drogas por parte dos visitantes. Embora o turismo possa trazer benefícios econômicos e sociais, é importante destacar que também pode gerar sérios impactos negativos para as populações indígenas.

QUADRO 01 – IMPACTOS NEGATIVOS DO DESENVOLVIMENTO TURÍSTICO

AUTORES	IMPACTOS NEGATIVOS
Talavera (2003)	A cultura é objetivada e despersonalizada, tirada de seu contexto a fim de se obter um produto apresentável como “autêntico”; caricaturização do grupo visitado e de seus recursos tradicionais.
Barretto (2000; 2005)	Ao ser transformado em produto, o legado cultural perde seu significado e a cultura deixa de ser importante para si mesma e se torna importante economicamente; desejo de modernização, descaracterizando as comunidades.
McKean (1989)	Homogeneização cultural, provocando a submissão das identidades étnicas a um sistema industrial e tecnológico, com economia orientada para o consumo.
Nash (1989)	Visitantes e visitados se veem como pessoas, mas também como objetos.
Graburn (1989)	Os visitados se transformam em objetos desumanizados; alteração na moralidade, indicada por fatores como a prostituição, o abuso de drogas, o alcoolismo, a criminalidade e os jogos de azar.
Pearce (2002)	Visitantes veem as cerimônias simbólicas e espirituais como “exóticas” ou “lindas”, banalizando o evento; Efeito demonstração.
Van den Berghe e Keyes (1984)	Os visitados se tornam menos tradicionais e mais parecidos com os turistas e, por isso, menos interessantes (aos olhos do visitante); os turistas transformam os visitados em “tourees”, descaracterizando-os, ao mesmo tempo em que “assaltam” a cultura anfitriã e sujeitam-na à modernização; se alteram os hábitos, modo de consumo, valores, atitudes e linguagem, entre outros.
Cohen (1985)	Há cada vez mais uma “encenação” da cultura de modo a parecer algo autêntico ao olhar do turista.
Ruschmann (1997)	Descaracterização do artesanato, que perde sua função original e passa a servir como itens de decoração; vulgarização das manifestações tradicionais pela mídia, que as mostra de modo simplista e estereotipado, e pela comunidade receptora, que transforma as cerimônias em espetáculos; sentimento de inferioridade das comunidades receptoras perante os turistas; banalização das crenças; efeito demonstração.

Fonte: Corbari (2015).

No quadro 01 pode-se perceber que as decorrências negativas no âmbito sociocultural parecem ter seu foco no modo como a cultura é vista e “tratada”, como um recurso natural ou mercadoria sobre a qual os turistas têm direitos, assim como apontado por Greenwood (1989). Sobre essa análise é importante citar Burns (2002, p.131) para o qual

o turismo é uma força poderosa, mas, como fenômeno econômico e cultural, é um alvo fácil de culpabilização por quaisquer mudanças nas comunidades. Ademais, se por um lado indicam-se impactos negativos nas sociedades receptoras, alguns autores enaltecem que, por meio da atividade turística, podem ocorrer, também, efeitos positivos.

A seguir, no quadro 02 apresentamos alguns dos impactos positivos abordados na literatura:

QUADRO 02 - IMPACTOS POSITIVOS DO DESENVOLVIMENTO TURÍSTICO

AUTORES	IMPACTOS POSITIVOS
Esman (1984)	Proteção da cultura local.
Greenwood (1989)	Respostas criativas e positivas por parte dos visitados, em decorrência do interesse que há por elementos como cultura, história e artesanato; autovalorização da cultura local, orgulho das tradições e promoção da melhoria da valia cultural
Alavera (2003)	Compreensão entre visitantes e visitados e intercâmbio cultural, minimizando, desse modo, conflitos e tensões; reconstrução das identidades locais, gerando um processo de criação e recriação do sentido de pertencimento, lugar, passado, cultura e posse
Maldonado (2009)	Valorização do acervo patrimonial comunitário
Brasil (2006)	Valorização da identidade cultural e resgate cultural; preservação do patrimônio histórico e cultural; intercâmbio entre culturas, promovendo a compreensão, o conhecimento e o respeito à diversidade.
Boissevan (2005)	Os visitados se dão conta do quão diferentes são e torna-se motivo de orgulho a escolha dos forasteiros por visitar sua comunidade e vivenciar seus costumes; comunidades percebem as especificidades de sua própria cultura e descobrem novas dimensões de sua identidade, o que fomenta a preservação do artesanato e até mesmo o ressurgimento de rituais já extintos.
Dias (2008)	A cultura local, em vários de seus aspectos, sobrevive ou é renovada pelo interesse despertado pelos turistas.
Cohen (1985)	A comoditização da cultura facilita a preservação das tradições culturais que talvez se extinguíssem se não fossem inseridas no turismo.

MacCannell (1984)	Recriação, preservação e manutenção dos atributos étnicos e culturais.
Ruschmann (1997)	Valorização do artesanato; valorização da herança cultural, como as cerimônias religiosas; fortalecimento do orgulho étnico; valorização e preservação do patrimônio.

Fonte: Corbari (2015).

O turismo na Terra Indígena Betânia Me'cürane pode ser uma poderosa ferramenta de valorização cultural, se bem planejado e respeitoso. Conforme Greenwood (1989) e Brasil (2006), o turismo pode fortalecer o orgulho das tradições, promover a valorização do patrimônio histórico-cultural e estimular o intercâmbio entre culturas. Ao receber visitantes, a comunidade pode ter suas práticas culturais reconhecidas, seu artesanato apreciado e sua história contada por quem realmente a vive. Isso contribui para o fortalecimento da identidade e a preservação das tradições, das cerimônias religiosas e os saberes tradicionais.

Além disso, conforme apontado por autores como MacCannell (1984) e Ruschmann (1997), o turismo pode gerar uma recriação e manutenção dos atributos étnicos e culturais. Ao envolver os jovens e os anciãos da comunidade, é possível manter viva a memória coletiva, criando oportunidades para a geração de renda por meio do turismo sustentável. Quando os impactos são conhecidos e gerenciados, o turismo se torna um aliado na luta pela preservação territorial, fortalecimento da autonomia indígena e valorização da diversidade cultural brasileira.

Por outro lado, o turismo na Terra Indígena Betânia Me'cürane pode causar efeitos negativos se for mal conduzido, como alertam Talavera (2003) e Barreto (2000; 2005). A cultura pode ser transformada em um produto, perdendo seu significado profundo e sendo apresentada de forma superficial e estereotipada. Isso pode gerar uma pressão pela modernização que descaracteriza os valores tradicionais da comunidade, além de despersonalizar a cultura, tratando-a como espetáculo apenas para agradar o olhar dos turistas.

Para McKean (1989) e Van den Berghe e Keyes (1984), há o risco de homogeneização cultural e da perda da autenticidade, com a cultura local sendo moldada para se encaixar nas expectativas dos visitantes. Os indígenas podem passar a se sentir inferiorizados, e suas tradições correm o risco de se tornarem apenas atrações. Para evitar esses impactos, é fundamental que o turismo seja pensado e gerido pela própria comunidade, com apoio técnico

e políticas públicas que valorizem o protagonismo indígena e respeitem os limites socioculturais da Terra Indígena Betânia Me'cürane.

O Turismo em territórios Indígenas é parte de um movimento social, de luta pelo reconhecimento das diferenças, mas também de controle da terra e do território (Pereiro, 2015). Assim os Tikuna na comunidade Betânia Me'cürane, lutam pela valorização da identidade étnica porque historicamente os Indígenas que vivem no Alto Solimões, têm sido esquecidos ou marginalizados politicamente em muitos aspectos. Em virtude desses acontecimentos em Betânia Me'cürane os Tikuna se organizaram e criaram o Instituto Ngutapa para se fortalecer, por meio do projeto de Turismo Indígena.

De acordo com o Relatório Nosso Futuro Comum (Brundtland, 1991) para ter sustentabilidade, é preciso uma visão das necessidades e do bem-estar humano que incorpora variáveis não-econômicas como educação e saúde, água e ar puros, e a proteção de beleza natural. Mas também nesse caso devemos eliminar as limitações de grupos menos favorecidos, muitos dos quais vivem em áreas ecologicamente vulneráveis. Ai que entraram os povos indígenas, assim como os povos quilombolas, ribeirinhos entre outros grupos.

Na comunidade Betânia Me'cürane, o povo que vive lá na aldeia, ainda não sabe o que é a sustentabilidade (enquanto um conceito estruturado no âmbito ocidental), eles também não entendem o que é o Turismo. Para eles o turismo ou turistas são pessoas más, ouviram boatos de que os turistas que visitaram a comunidade poderiam comprar as terras ou pessoas. Mas na verdade o turismo pode gerar renda para comunidade indígenas, não só para as comunidades indígenas, mas também para outras comunidades não indígenas que trabalham com turismo, desde que seja feito de forma ordenada.

O povo indígena Tikuna vive na região do alto Solimões, onde se concentram em diversas áreas localizadas em vários municípios do estado do Amazonas, entre os quais estão Benjamin Constant, Tabatinga, São Paulo de Olivença, Amaturá, Santo Antônio do Içá, Jutai, Fonte Boa, Tonantins, Beruri. A maior parte das aldeias encontra-se ao longo nas proximidades do rio Solimões.

De acordo com seus mitos, os Ticuna são originários do igarapé Eware, situado nas nascentes do igarapé São Jerônimo (Tonatü), tributário da margem esquerda do rio Solimões, no trecho entre Tabatinga e São Paulo de Olivença. Ainda hoje é essa a área de mais forte concentração de Ticuna, onde estão localizadas 42 das 59 aldeias existentes” (Oliveira, 2002, p. 280)

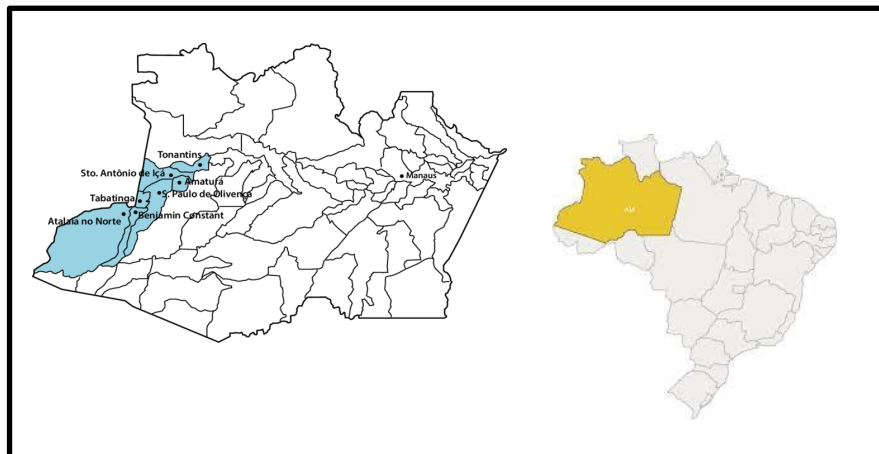
Na Betânia Me'cürane antes de 2019 o turismo não era permitido, assim também acontece com o próprio Tikuna que vive na comunidade, para eles não era permitido fazer ritual Indígena na próprio aldeia, muitas vezes acontece por motivo da evangelização, que sempre nega a crença do povo indígena, e assim o povo Tikuna esquecem seus costumes. Mas o turismo chegou na aldeia Tikuna Betânia Me'cürane, onde as pessoas precisam de ajuda para manter sua cultura, e assim eles se organizaram e criaram Associação Instituto Ngutapa, para fortalecimento da Comunidade Indígenas, Apoio à valorização da prática da cultura e produção de artesanatos Indígenas, Festival cultural indígenas e feira comunitária é Organização de local de visitação de turismo nas comunidades indígenas

O turismo gera sustentabilidade para comunidade local, onde os tikuna podem vender seus artesanatos, e onde os tikuna podem mostrar seus costumes e fazer apresentação cultural, comida típica e venda de artesanatos, assim os tikuna valorizam seus costumes e assim o turista podem contribuir com a comunidade local. E assim os visitantes podem, ainda, contemplar a diversa fauna e flora se aventurando em trilhas da anaconda no meio da floresta e também se surpreender com a gastronomia, degustando ingredientes, frutas e formigas utilizados na culinária indígena.

2. TURISMO NA REGIÃO DO ALTO SOLIMÕES

O Alto Solimões, localizado no extremo oeste do estado do Amazonas, é uma região de grande diversidade cultural e ambiental, composta por municípios como Tabatinga, Benjamin Constant, Atalaia do Norte, entre outros. Essa área é habitada por diversos povos indígenas, incluindo os Tikuna, Kokama, Marubo, Matis e Kanamari, cuja riqueza cultural atrai o interesse de pesquisadores, turistas e instituições nacionais e internacionais.

Figura 01: Mapa da região do Alto rio Solimões



Fonte: https://www.researchgate.net/figure/Figura-1-Localizacao-o-geografica-dos-locais-de-coleta-de-etnovariades-crioulas-de_fig26_331439261

A região do Alto Solimões é uma mesorregião no estado do Amazonas, no Brasil, compreendendo nove municípios e uma área de cerca de 214.217,80 km². A área é rica em biodiversidade e abrange diversas comunidades indígenas. A mesorregião é formada por Tabatinga, Benjamin Constant, São Paulo de Olivença, Santo Antônio do Içá, Tonantins, Fonte Boa, Jutai, Amaturá e Atalaia do Norte.

A população estimada é de cerca de 199.342 habitantes, com um significativo componente indígena. O rio Solimões, que dá nome à região, é um afluente do rio Amazonas e é fundamental para a economia e cultura local. A região enfrenta desafios como o desmatamento, a seca, e a necessidade de desenvolvimento sustentável para garantir a preservação da cultura e da biodiversidade. O Alto Solimões é uma região importante por sua riqueza natural, sua diversidade cultural, e sua localização estratégica na fronteira com o Peru e a Colômbia.

O turismo no Alto Solimões ganhou visibilidade, sobretudo no contexto do turismo comunitário e étnico, que valoriza os saberes tradicionais, as manifestações culturais e a vivência em comunidades indígenas. Esse tipo de turismo busca promover o intercâmbio cultural de forma respeitosa, gerando benefícios econômicos para as populações locais e incentivando a preservação ambiental e cultural.

As visitas às comunidades indígenas geralmente envolvem experiências como apresentações de danças tradicionais, oficinas de artesanato, caminhadas na floresta com guias locais e degustação de alimentos típicos como o paiyawaru (bebida tradicional dos Tikuna feita

de mandioca). Contudo, o desenvolvimento do turismo nessa região ainda enfrenta desafios como a falta de infraestrutura, dificuldades de transporte, ausência de políticas públicas específicas e a necessidade de formação técnica para os moradores locais.

Apesar desses desafios, iniciativas locais têm buscado organizar o turismo de forma sustentável. Algumas comunidades indígenas do Alto Solimões já elaboraram planos de visitação e vêm trabalhando em parceria com universidades, ONGs e órgãos públicos para fortalecer o turismo como ferramenta de autonomia e valorização cultural. Dessa forma, o turismo no Alto Solimões representa uma grande oportunidade para o desenvolvimento local com base no respeito à identidade dos povos indígenas e à conservação dos recursos naturais.

O turismo no Alto Rio Solimões, enfrenta alguns desafios. Primeiro, a infraestrutura de transporte e comunicação é limitada, o que pode dificultar o acesso dos turistas às comunidades e atrativos locais. Além disso, a preservação ambiental é uma grande preocupação, pois é importante proteger a floresta e a biodiversidade enquanto se promove o turismo. Outro desafio é a capacitação da população local para oferecer serviços turísticos de qualidade, garantindo que os benefícios do turismo cheguem às comunidades. Apesar desses desafios, o turismo na região também tem potencial para promover a cultura local gerando renda para comunidades.

A cidade de Tabatinga, localizada a aproximadamente 1.108 quilômetros de Manaus, é uma das principais portas de entrada para o turismo nacional e internacional na região. Situada na tríplice fronteira, turistas têm a oportunidade de conhecer destinos como Atalaia do Norte, Benjamin Constant, Letícia (Colômbia) e Iquitos (Peru). No entanto, a cidade enfrenta grandes desafios relacionados à infraestrutura, transporte e acesso à internet, o que dificulta o desenvolvimento do setor turístico.

Além disso, muitos turistas desconhecem as comunidades indígenas e não indígenas da região, o que limita o potencial turístico local. Por outro lado, algumas comunidades ainda demonstram pouco interesse em receber visitantes, seja por falta de organização ou de incentivo para investir no turismo. Diante desse cenário, é fundamental implementar estratégias que fortaleçam a divulgação, capacitação e estruturação dessas comunidades, promovendo um turismo sustentável e benéfico para todos.

O maior desafio encontrado para receber turistas nas comunidades indígenas é a falta de organização e estrutura para o turismo, além de fatores culturais e religiosos, como a influência

da evangelização. Muitas comunidades ainda não possuem um plano estruturado para receber visitantes, o que dificulta o desenvolvimento do turismo sustentável na região.

Os desafios no transporte também impactam diretamente o turismo. As passagens aéreas são caras, tornando essa opção inacessível para muitos viajantes. Já no transporte fluvial, apesar de as passagens serem mais acessíveis, há um grande obstáculo: a viagem de barco à Manaus a Tabatinga pode levar até sete dias, o que desestimula muitos turistas. Essa dificuldade de acesso faz com que o turismo na região do Alto Solimões ainda seja pouco reconhecido e explorado, limitando o potencial econômico e cultural das comunidades locais.

Santo Antônio do Içá, localizado na mesorregião do Alto Solimões, exerce papel estratégico e central no território, especialmente no que se refere à articulação entre comunidades indígenas e centros urbanos da região. Por estar geograficamente situado em uma área de confluência entre rios e rotas de transporte fluvial, o município torna-se ponto de passagem obrigatório para quem se desloca entre os municípios vizinhos, como Amaturá, Tonantins e São Paulo de Olivença. A figura a seguir ilustra a localização do município de Santo Antônio do Içá no contexto da mesorregião do Alto Solimões, evidenciando sua centralidade geográfica e sua proximidade com outras localidades relevantes da região.

Figura 02: Localização geográfica de Santo Antônio do Içá na mesorregião do Alto Solimões - AM



Fonte: <https://www.rome2rio.com/pt/s/Santo-Ant%C3%B4nio-do-I%C3%A7%C3%A1/Tabatinga>

Além de sua posição geográfica privilegiada, Santo Antônio do Içá concentra estruturas

administrativas e de serviços públicos que atendem não apenas à sua população urbana, mas também a diversas comunidades indígenas da região. Isso reforça sua importância como polo regional de saúde, educação, comércio e apoio logístico para ações de desenvolvimento sustentável, inclusive na área do turismo. A presença de iniciativas culturais e ambientais também fortalece seu papel como núcleo de valorização das tradições locais.

Dessa forma, a escolha por destacar Santo Antônio do Içá nesta pesquisa justifica-se pela sua centralidade funcional, cultural e política na dinâmica da mesorregião. Ao mesmo tempo em que enfrenta desafios estruturais, o município apresenta potencial significativo para o turismo responsável e comunitário, especialmente a partir do protagonismo das comunidades indígenas e do fortalecimento das parcerias institucionais locais.

Figura 03: Localização geográfica de Santo Antonio do Içá e da Comunidade Betânia Me'cürane



Fonte: Elaboração própria com base em Google Maps (2025)

A figura apresentada destaca a localização do município de Santo Antônio do Içá e da comunidade indígena Betânia Me'cürane, situada às margens do rio Içá. A distância entre a sede municipal e a comunidade é de aproximadamente três horas de viagem em barco de linha convencional, o que pode representar uma dificuldade para o acesso de visitantes e pesquisadores. No entanto, com o apoio da agência de turismo La Jangada, o deslocamento até Betânia tem se tornado mais acessível, por meio do uso de baleeiras (embarcações rápidas), o que facilita a chegada de turistas à comunidade e fortalece as ações voltadas ao turismo de base comunitária na região.

2.1 TURISTAS NA TERRA INDÍGENA TIKUNA COMUNIDADE VENDAVAL

O turismo entre o povo Tikuna teve início durante a luta pelo direito territorial, na década de 1970. Pedro Inácio Pinheiro, o primeiro Cacique Geral do povo Tikuna, desempenhou um papel fundamental nesse processo. Para buscar recursos para a demarcação da Terra Indígena Tikuna, ele viajou para outros países, incluindo Alemanha, Austrália e Suíça, onde procurou parceiros para apoiar a causa indígena no Alto Rio Solimões. Graças a essas viagens e às parcerias que conseguiu estabelecer, Pedro Inácio Pinheiro obteve apoio da Fundação Nacional do Índio (FUNAI) para a demarcação do território Tikuna. Seu esforço e dedicação fizeram com que ele fosse reconhecido internacionalmente. Foi nesse período que o contato com estrangeiros se intensificou e turistas de diferentes países passaram a visitar a comunidade para conhecer de perto a cultura do povo Tikuna. Esse intercâmbio contribuiu para a valorização das tradições indígenas e impulsionou o turismo na região.

De acordo com os relatos de algumas lideranças, inicialmente, a comunidade indígena Tikuna Vendaval foi visitada e reconhecida por turistas graças ao Cacique Geral do povo Tikuna, senhor Pedro Inácio Ngematücü. Naquele período, a comunidade recebia visitas apenas uma vez por ano. Na época, o turismo ainda não era totalmente reconhecido na região do Alto Solimões. Não havia um ponto específico para a passagem dos turistas na comunidade, nem um plano estruturado de visitação para as comunidades indígenas Tikuna. Os visitantes chegavam espontaneamente, movidos pelo interesse em conhecer a cultura local.

No entanto não há relatos sobre turismo de forma organizada na aldeia tikuna Vendaval, mas a comunidade local presencia os turistas na comunidade. Apesar da presença ocasional de turistas na comunidade Tikuna Vendaval, não há registros formais ou relatos sistematizados sobre atividades turísticas na localidade. Essa ausência de documentação representa uma lacuna significativa para estudos sobre o turismo indígena na região. A observação empírica da comunidade indica que há interações com visitantes, porém, até o momento, essas vivências não foram objeto de pesquisas acadêmicas ou políticas públicas específicas.

Após o falecimento do cacique Pedro Inácio, ocorrido no dia 25 de junho de 2018, os turistas deixaram de visitar a comunidade. Segundo relatos locais, isso se deve ao fato de que, desde então, não houve mais interesse em receber turistas. No entanto, não existem informações oficiais ou datas exatas que indiquem quando essas visitas cessaram completamente.

Dessa forma, este trabalho reconhece a importância de futuras investigações que possam registrar, compreender e valorizar as experiências de turismo vividas pelos moradores da aldeia. Além disso, reforça-se a necessidade de respeitar a autonomia e os saberes tradicionais da comunidade Tikuna Vendaval em qualquer proposta de desenvolvimento turístico que venha a ser implementada.

3. METODOLOGIA

A presente pesquisa tem uma abordagem qualitativa, com o objetivo de compreender de forma aprofundada a percepção dos participantes sobre o tema estudado. De acordo com Minayo (2001), a pesquisa qualitativa é especialmente adequada para investigar fenômenos sociais, pois permite compreender os significados, valores e interpretações dos sujeitos em relação à realidade vivida.

A pesquisa qualitativa responde a questões muito particulares. Ela se preocupa com um nível de realidade que não pode ser quantificado. Trabalha com o universo dos significados, dos motivos, das aspirações, das crenças, dos valores e das atitudes” (Minayo, 2001, p. 21).

A coleta de dados foi realizada por meio de um questionário online, elaborado pelo autor, contendo perguntas abertas e fechadas. O questionário foi aplicado de forma virtual, e as respostas foram registradas de maneira anônima. Também foram feitas entrevistas informais com pessoas do núcleo familiar, pessoas que vivem na comunidade e acompanharam a chegada do turismo, estiveram presentes em reuniões nas quais foram debatidos os impactos dessa atividade. O questionário foi aplicado na comunidade indígena Betânia Me’cürane no dia 22 de março de 2025, com o objetivo de investigar a percepção dos moradores sobre o turismo local e seus efeitos socioculturais e econômicos. A coleta de dados foi realizada online, por meio de um formulário digital (Forms), o que possibilitou maior praticidade e autonomia aos participantes no momento das respostas. Todos os respondentes foram previamente informados sobre os objetivos da pesquisa e autorizaram o uso das informações fornecidas.

Ao todo, nove pessoas responderam ao questionário, representando diferentes faixas etárias e níveis de envolvimento com o turismo na comunidade. As respostas indicam uma percepção amplamente positiva em relação à prática turística, destacando benefícios como a preservação da cultura, a geração de renda e o fortalecimento da identidade indígena. A ampla participação em oficinas e o vínculo com o Instituto Ngutapa reforçam o interesse da comunidade em consolidar um modelo de turismo sustentável e autogerido.

A pesquisa também envolveu uma análise bibliográfica, com consulta a artigos científicos, sites institucionais e fontes acadêmicas disponíveis online, com o objetivo de construir a fundamentação teórica e contextualizar os dados obtidos. A análise dos artigos permitiu identificar diferentes perspectivas sobre o tema e comparar os dados coletados com o que já vem sendo discutido na literatura científica.

4. RESULTADOS E DISCUSSÕES

4.1 TURISMO NA COMUNIDADE BETÂNIA ME'CÜRANE

A Comunidade Indígena Vila Betânia, do povo Tikuna Mecürane, encontra-se no município de Santo Antônio do Içá, no estado do Amazonas, está localizada na margem direita do rio Içá, que é um afluente do rio Solimões. Distância de Manaus: aproximadamente 1.310 km por via fluvial. Antigamente Betânia Me'cürane era conhecida como aldeia. No dia 15 de dezembro de 1962, um evangelista norte-americano chegou ao local com 15 indígenas tikunas, onde seria marcada a localidade de Betânia. Antes disso, a comunidade indígena era chamada de Santo Antônio do Içá. O relato é uma informação dada pelo meu avô Zazão Eduardo Tito, ele nasceu em 1944 e faleceu no dia 17 de Dezembro de 2019 aos 75 anos, ele fez o seguinte relato:

Antes, nossa comunidade era Santo Antônio do Içá. Nós, como outros anciãos, vivíamos em Santo Antônio do Içá, no meio dos não indígenas. Eles criaram fazendas e, naquele tempo, era também época da borracha. Nós éramos escravos, trabalhávamos para eles; nós os chamávamos de patrões. Assim, nós vivíamos no meio deles. Naquela época, os evangelistas chegaram a cada comunidade para pregar o evangelho. Um dia, aconteceu que um grupo de tikunas invadiu um terreno de não indígenas onde havia bois. Os tikunas mataram um boi e, assim, começou o conflito entre indígenas e não indígenas, que nós chamamos de homens brancos. Quando o evangelista viu isso, ele chamou os indígenas e perguntou se eles queriam sair de Santo Antônio do Içá. Eles concordaram com ele. O norte-americano, o senhor Eduardo Horrel, comprou um terreno de um fazendeiro para que os indígenas pudessem viver em paz com os não indígenas. No dia 15 de dezembro de 1962, saíram com 13 famílias e chegaram ao local. Depois dessa escolha de local, os tikunas que viviam em outra comunidade ou na beira do rio Solimões chegaram à aldeia Betânia, assim *se multiplicando*.

Esse é o relato do meu avô, que infelizmente não está mais entre nós, mas sua história é muito importante para compreender o surgimento da comunidade Betânia Me'cürane.

A principal forma de sustento da comunidade é por meio da contratação de membros para atuar em diversos setores da Prefeitura, como nas áreas de educação, saúde, segurança comunitária e serviços gerais. Aqueles que não têm emprego na Prefeitura sustentam-se com

atividades como pesca, cultivo na roça e a participação na feira comunitária. Atualmente, o turismo, especialmente relacionado à venda de artesanato, tem se tornado uma fonte adicional de renda. O quadro 03 apresenta algumas das características da comunidade.

QUADRO 03 – Características da Comunidade Betânia Me'cürane

Cultura e tradições	A comunidade preserva elementos da cultura Ticuna, como a valorização da natureza, a agricultura familiar, a caça e a coleta, além de costumes e conhecimentos milenares.
Organização social:	A aldeia tem uma feira onde são vendidos produtos de artesanato e da cultura indígena, além de atividades de educação e saúde.
Transição cultural:	A comunidade está passando por um processo de transição cultural, onde a religião e a cultura se interligam, o que representa um desafio para a preservação da identidade indígena.
Impacto do contato com a sociedade "branca":	A comunidade está em constante transformação devido ao contato com a sociedade não indígena, o que influencia a economia, a organização social e cultural.
Cultura e tradições:	A comunidade Betânia Me'cürane preserva elementos essenciais da cultura Tikuna, como a valorização da natureza, a agricultura familiar, a caça e a coleta, além de costumes e conhecimentos milenares.
Organização social:	A aldeia possui uma feira onde são vendidos produtos de artesanato e itens relacionados à cultura indígena. Além disso, são promovidas atividades voltadas para a educação e saúde da comunidade.
Transição cultural:	A comunidade enfrenta um processo de transição cultural, onde a religião e a cultura se entrelaçam, representando um desafio para a preservação da identidade indígena.
Impacto do contato com a sociedade "branca":	A constante interação com a sociedade não indígena tem provocado transformações na economia, na organização social e na cultura local.
Ação de instituições:	A Funai e outras entidades têm facilitado a entrada de grupos religiosos nas terras indígenas, o que pode afetar a preservação das tradições e costumes.
Desafios e preocupações:	A comunidade enfrenta dificuldades para preservar sua identidade cultural diante da influência externa, além de problemas como a infraestrutura deficiente e a qualidade da água. A questão do alcoolismo e das drogas também representa um grande desafio.
Papel das mulheres:	As mulheres desempenham um papel fundamental na comunidade, participando ativamente da feira, do artesanato e das atividades de educação e saúde.

Turismo sustentável e valorização cultural:	O turismo em Betânia Me'cürane é pensado de forma sustentável, com foco na valorização da cultura Tikuna e no respeito ao modo de vida tradicional da comunidade. As visitas são organizadas com o consentimento dos moradores, e os roteiros incluem atividades culturais, como apresentações de danças tradicionais, oficinas de pintura corporal, culinária típica e vivências na floresta. Isso permite que os turistas aprendam diretamente com os indígenas, gerando renda para a comunidade e fortalecendo o orgulho cultural entre os jovens.
---	---

Fonte: Próprio Autor, 2025

De acordo com relato do Sinésio Isaque, presidente de honra do Instituto Ngutapa, os primeiros turistas chegaram no dia 19 de abril de 2019, foram realizadas apenas três visitas a comunidade, a quarta visita foi interrompida devido ao início da pandemia de COVID-19. A comunidade ficou sem receber turistas durante 8 meses, em 2021 as atividades turísticas foram retomadas na área indígena Betânia Me'cürane. Figura 04, mostra a primeira visita dos turistas na T.I, Betânia Me'cürane.

Figura 04: Primeira Visita dos Turista na Betânia Me'cürane



Fonte: Arquivo Ngutapa, 2019

Para o ano de 2025, está previsto um total de 10 visitas, a primeira aconteceu em março. Foram estabelecidas algumas regras, a saber: os turistas não podem entrar em locais não permitidos; devem seguir os roteiros apresentados pelos guias, o número máximo de turistas a entrar na maloca Tchirugüne é de 19 ou 20. Após a visita, que dura 3 horas na aldeia e na maloca, eles devem retornar pelo mesmo caminho por onde entraram. A comunidade criou uma

trilha específica para os turistas, chamada de Trilha da Anaconda, para evitar o acesso ao porto principal de Betânia Me'cürane.

Os turistas que desejam visitar a comunidade devem ter informações prévias sobre a visita. Aqueles que chegarem sem informações ou sem programação não são autorizados a entrar na comunidade. Portanto, os turistas virão a partir de uma programação definida, incluindo datas, horários de chegada e retorno, garantindo um controle adequado. A parceria com a agência de turismo La Jangada foi fundamental para a organização e estruturação do turismo na comunidade. O Instituto Ngutapa também procurou a Funai para autorizar a entrada de turistas na área indígena de Betânia Me'cürane. A parceria com a Funai, a anuência da comunidade e a organização do Instituto Ngutapa foram essenciais para o sucesso do projeto de turismo.

Atualmente, o ponto principal é chamado de Me'cürane e a maloca Tchirugüne é o centro do desenvolvimento do turismo indígena Betânia Me'cürane. Neste ano, celebramos 6 anos de trabalho do Instituto Ngutapa em parceria com La Zangada, dedicados ao turismo indígena na comunidade. A seguir destacamos algumas informações sobre esses parceiros e a importância deles para o desenvolvimento do turismo na comunidade.

A La Jangada é um sofisticado navio-hotel do tipo catamarã que oferece cruzeiros de luxo na região amazônica, especialmente no rio Negro e nas Ilhas Anavilhanas. Construído entre 2018 e 2019, o catamarã possui 29 metros de comprimento e 10 metros de largura, com capacidade para até 30 passageiros em 12 suítes de luxo. O navio se destaca por seu design elegante, com interiores decorados com artesanato indígena e arte contemporânea. As cabines são espaçosas, equipadas com janelas panorâmicas, ar-condicionado, minibar, cofre e banheiro privativo. Algumas suítes oferecem varandas privativas. A figura 05 mostra La Jangada no rio Solimões.

Figura 05: Barco La Zangado no Rio Solimões



Fonte: <https://www.jornalaquadra.com.br/amazone-se/>

A bordo, os hóspedes desfrutam de um (*lounge*) bar com vista panorâmica, solário com espreguiçadeiras e uma gastronomia que combina pratos amazônicos e internacionais. As atividades incluem expedições guiadas para observação da fauna e flora locais, visitas a comunidades ribeirinhas e passeios por igarapés e trilhas na floresta.

Os itinerários são personalizados, com durações variando entre 4 e 8 dias, e os preços dos cruzeiros começam a partir de R\$ 6.000,00 por pessoa na categoria deck principal. A La Jangada opera tours (*tours*) particulares na região de Novo Airão e no Alto Solimões.

Conforme já foi citado o turismo na comunidade teve início com a formação do Instituto de Desenvolvimento Ngutapa, uma organização social criada com o objetivo de promover o turismo local. Por meio desse instituto, uma parceria foi estabelecida com uma agência de turismo regulamentada no Brasil, especialmente no Amazonas. O pacote criado pela agência permitiu que turistas visitassem a comunidade de Betânia Me'cürane.

Antes da organização do turismo, a comunidade não sabia como gerenciar a entrada de turistas. Sob a liderança de Sinésio Trovão e com a colaboração dos associados, o Instituto Ngutapa acreditou nas próprias potencialidades da comunidade e, com o apoio de uma imprensa especializada, apresentou o projeto que foi aprovado. Isso resultou na visitação de turistas, que antes não eram atraídos pela região do Alto Solimões, dada a escassez de infraestrutura turística e o pouco envolvimento das comunidades indígenas.

O Instituto Etnodesenvolvimento Ngutapa, que começou com 49 associados, viu um aumento no interesse quando seu primeiro projeto foi aprovado, chegando a 99 associados. Atualmente, o instituto conta com 250 associados diretos que participam ativamente das atividades e indiretos que apoiam ou colaboram de forma ocasional, totalizando 410 associados. Com essa organização, eles criaram estratégias para receber turistas.

O Instituto Ngutapa surgiu com a missão de fortalecer, defender e manter viva a cultura local, especialmente diante do enfraquecimento de práticas culturais importantes, como o Ritual da Moça Nova (Worecü) e a arte do artesanato. Muitas dessas tradições estavam sendo esquecidas, e o Instituto, com o apoio da agência de turismo, buscou resgatar essas práticas e oferecer novas oportunidades econômicas para a comunidade.

Antes da parceria, era muito difícil para os indígenas comercializarem seus artesanatos nos municípios, devido à distância e à dificuldade de transporte. Os indígenas eram obrigados a viajar longas distâncias, muitas vezes permanecendo dias fora de sua comunidade para vender seus produtos. O turismo, ao trazer visitantes diretamente para Betânia Me'cürane, facilitou a venda de artesanato e ajudou a revitalizar práticas culturais e tradições locais.

Os recursos que o turismo gera para a comunidade são sempre arrecadados e divididos entre as famílias que são associadas e que participam da apresentação cultural, além de acompanhar as visitas dos turistas. Todos que participam dessas atividades recebem um pagamento, o que ajuda a sustentar as famílias por meio do turismo. O Instituto Ngutapa também investe na compra de um barco para apoio aos familiares, permitindo o transporte necessário para as atividades turísticas. Assim, esse recurso é utilizado para apoiar as atividades comunitárias e beneficiar as famílias que fazem parte desse projeto.

Figura 06: Entrega do primeiro recurso financeiro à comunidade por meio do turismo



Fonte: Arquivo Ngutapa, 2019

Vale ressaltar que o projeto de turismo não abrange toda a comunidade, somente as famílias que participam ativamente e que assinam um termo de responsabilidade, os quais atuam nos roteiros e recebem benefícios financeiros. Esse recurso é destinado apenas aos associados, ou seja, àqueles que se comprometem em seguir as diretrizes e normas estabelecidas.

Antes, poucas pessoas na comunidade compreendiam o que era turismo. Muitos pensavam que era algo prejudicial, temendo que os turistas pudessem roubar ou se aproveitar dos locais. Durante uma entrevista realizado no dia 21 de fevereiro de 2025, com a liderança Sinésio Trovão, eu lhe perguntei se ele já sabia o que era turismo ou se havia participado de eventos sobre o assunto. Ele respondeu:

Primeiramente, nós nunca participamos de uma oficina sobre turismo indígena. Quando não tínhamos essas informações, estávamos muito céticos sobre o que realmente era o turismo. Para nós, turismo era visto como uma forma de invasão, uma maneira de roubar nossas plantas e levar nossa imagem. Depois, buscamos orientação de pessoas que entendem o que é turismo e qual o seu propósito, tanto para nós quanto para as empresas. Conversamos com a empresa que estava interessada no projeto e eles nos apresentaram suas propostas. Graças ao apoio do governo do estado e da Fundação Estadual dos Povos Indígenas, conseguimos esclarecimentos sobre o turismo e como ele funcionaria em nossa Terra Indígena. Com essas orientações, a comunidade aceitou a atividade turística. A partir daí, buscamos também capacitação através de oficinas e parcerias com ONGs, como o Instituto Ngutapa, que já capacitou nossos jovens. Hoje, entendemos como cuidar, organizar, proteger e desenvolver o turismo, e sabemos também o que não é bom. Temos agora uma base de conhecimento sobre turismo.”

4.2 PRINCIPAIS BENEFÍCIOS QUE O TURISMO TRAZ PARA A COMUNIDADE

Os principais benefícios do turismo para nós estão relacionados à produção de artesanato. Antes, os artesãos não tinham como vender seus produtos para lugares distantes como Manaus ou Tabatinga. Devido à distância, muitos pararam de trabalhar com a produção de artesanato. Hoje, é muito importante, pois os visitantes vêm até nós e compram nossas peças, o que revitaliza a produção artesanal e fortalece a nossa identidade cultural. O quadro 04 apresenta algumas benefícios e mefeícios do turismo na comunidade Betânia Me'cürane.

QUADRO 04 – BENEFICIOS E MELEFÍCIOS DO TURISMO NA COMUNIDADE BETÂNIA ME'CURANE

BENEFICIOS DO TURISMO	MALEFÍCIOS DO TURISMO
Geração da renda com artesãos	Dependência econômico do turismo
Valorização da Cultura Tikuna	Possível descaracterização cultural
Fortalecimento da identidade Indígena	Impacto ambiental com aumento de visistantes
Visibilidade da comunidade no cenário estadual	Riscos de exploração da cultural por terceiros

Fonte: Próprio Autor. 2025

O turismo na comunidade indígena Betânia Me'cürane apresenta tanto benefícios quanto malefícios. Entre os aspectos positivos, destaca-se a geração de renda por meio da produção e venda de artesanatos, promovendo a valorização da cultura Tikuna e o fortalecimento da identidade indígena. Além disso, o turismo contribui para dar visibilidade à comunidade no cenário estadual, permitindo maior reconhecimento e apoio institucional. No entanto, também existem desafios a serem considerados, como a possível dependência econômica do turismo, que pode fragilizar a autonomia da comunidade. Outro risco envolve a descaracterização cultural, caso os elementos culturais sejam adaptados apenas para agradar os visitantes. O aumento do fluxo de turistas também pode provocar impactos ambientais e há ainda a possibilidade de exploração cultural por parte de terceiros, comprometendo a integridade dos saberes tradicionais. Assim, é necessário que o turismo seja planejado e conduzido de forma participativa e sustentável, garantindo que os benefícios superem os prejuízos.

As vantagens do turismo em nossa comunidade são bastante significativas. Ele tem proporcionado uma participação ativa na produção de artesanato e na valorização da nossa cultura, especialmente do povo indígena Tikuna. Mostramos aos visitantes que existimos e que vivemos no Brasil, no Amazonas, mantendo nossa língua materna e tradições.

Em relação às desvantagens, acreditamos que elas são mínimas. Os turistas que vêm à comunidade geralmente fazem isso de forma organizada. As críticas ao turismo vêm, muitas vezes, de quem ainda não compreende o seu valor. Portanto, podemos afirmar que, para a maioria da comunidade, os benefícios superam as desvantagens.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A comunidade indígena Betânia Me'cürane demonstra um forte potencial para o desenvolvimento do turismo sustentável, desde que conduzido de forma ética, participativa e alinhada aos valores e saberes tradicionais do povo local. As respostas ao questionário online aplicado junto à comunidade revelaram o interesse dos moradores em participar das iniciativas turísticas e na valorização de sua cultura, natureza e modo de vida como elementos centrais para esse processo. Alguns relatos destacam a importância de preservar a cultura Tikuna e o desejo de ensinar os visitantes sobre as tradições locais. Outros moradores ressaltaram que o turismo pode gerar renda para as famílias, desde que seja conduzido com respeito à comunidade. Esses depoimentos evidenciam o potencial do turismo como ferramenta de desenvolvimento sustentável e fortalecimento cultural.

O turismo, quando planejado com base no respeito e na participação ativa da comunidade, pode se tornar uma poderosa ferramenta para a preservação dos costumes e tradições culturais do povo Tikuna. A valorização das práticas culturais, como a arte, a culinária, os rituais e o conhecimento tradicional, permite que os saberes ancestrais sejam transmitidos para as novas gerações e compartilhados com os visitantes de forma consciente. Assim, o turismo pode contribuir para o fortalecimento da identidade indígena, promovendo o orgulho e o reconhecimento dos saberes tradicionais.

O turismo sustentável pode proporcionar benefícios econômicos e sociais relevantes, como a geração de renda, a criação de oportunidades de trabalho local e a melhoria na qualidade de vida da comunidade. A diversificação das fontes de renda, por meio de atividades turísticas, pode ser uma estratégia eficaz para garantir maior autonomia financeira, reduzindo a dependência de recursos externos e contribuindo para o bem-estar coletivo.

Por outro lado, é importante reconhecer que o turismo também pode trazer desvantagens se não for bem conduzido. Entre os riscos estão a perda da autenticidade cultural, a dependência econômica de uma única atividade, o impacto ambiental e a possibilidade de conflitos internos pela distribuição desigual de benefícios. Esses desafios exigem atenção constante da comunidade e de seus parceiros, para que sejam evitados e enfrentados com mecanismos de monitoramento e avaliação contínuos.

Entre os principais pontos destacados no estudo, observa-se a necessidade de capacitação da comunidade em áreas essenciais como gestão de visitantes, hospitalidade, preservação ambiental e segurança. Isso permitirá que o turismo seja planejado e executado por lideranças locais, garantindo que as atividades desenvolvidas reflitam os desejos e prioridades da própria comunidade.

A criação de parcerias com instituições públicas, privadas e organizações não governamentais (ONGs), com experiência em turismo indígena, também se mostra essencial. Essas parcerias devem estar baseadas no respeito mútuo e nos direitos garantidos pela Instrução Normativa nº 03/2015 da FUNAI, assegurando que o turismo ocorra de maneira sustentável e culturalmente apropriada. Tais colaborações podem ainda apoiar tecnicamente a comunidade, captar recursos e desenvolver estratégias de divulgação respeitosas e eficazes.

Outro aspecto relevante é o fortalecimento da governança comunitária. O turismo deve ser gerido de forma coletiva, assegurando que todos os membros da comunidade participem das decisões e se beneficiem igualmente dos resultados. A criação de mecanismos internos de monitoramento e avaliação contribuirá para a constante melhoria das práticas adotadas, garantindo que o turismo traga impactos positivos a longo prazo.

Este trabalho, fundamentado na expressão das percepções da comunidade por meio do questionário online, oferece um panorama realista sobre os anseios, capacidades e desafios enfrentados pela comunidade indígena Betânia Me'cürane. A pesquisa contribui para a compreensão das dinâmicas do turismo em contextos indígenas, apresentando propostas concretas para o fortalecimento da autonomia, da identidade cultural e da sustentabilidade local.

Por fim, é importante destacar que o turismo sustentável deve ser compreendido não apenas como uma atividade econômica, mas como uma ferramenta para a valorização do território, da cultura e dos modos de vida tradicionais do povo Me'cürane. Através de uma

abordagem respeitosa e colaborativa, o turismo pode fortalecer os laços comunitários, preservar os saberes ancestrais e sensibilizar os visitantes sobre a importância da conservação ambiental. A implementação de políticas públicas voltadas ao apoio dessas iniciativas é fundamental para garantir um futuro mais justo, equilibrado e culturalmente enraizado para a comunidade Betânia Me'cürane.

REFERÊNCIAS:

BRASIL. Constituição (1988). **Constituição da República Federativa do Brasil**. Brasília, DF: Senado, 1988.

BRASIL, Decreto nº 7.747, de 5 de julho de 2012. **Intitui a Política Nacional de Gestão Territorial e Ambiental de Terras Indígena – PNGAT**. Diário Oficial da União: seção 1, Brasília, DF, 6 jun. 2012

BRUNDTLAND, G. **Nosso futuro comum**, 14.ed. Fundação Getúlio Vargas: Rio de Janeiro , 1991.

BURNS, Peter M. **Turismo e Atropologia: uma Intrudução**. São Paulo: Chronos, 2002. 206 p. ISBN 978-88087-09-5.

CORBARI, S. D.; MAYARA, M. R. **Levantamento e mapeamento de iniciativas de turismo em territórios indígenas no Brasil**. Revista Rosa dos Ventos - Turismo e Hospitalidade. v. 15 n. 3 (2025). Disponível em: <https://sou.ucs.br/revistas/index.php/rosadosventos/article/view/160>. Acesso em: 16 abr. 2025.

CORBARI, Eunice Sueli. **Etnodesenvolvimento e etnoturismo em terras indígenas: possibilidades de sustentabilidade cultural e ambiental**. 2015. 187 f. Dissertação (Mestrado em Geografia) – Universidade Estadual de Maringá, Maringá, 2015.

CORBARI S.D., BAHL M. & SOUZA S.R. **Legislação Indigenista e Perspectivas para o Turismo em Terras Indígenas no Brasil**. RTA | ECA-USP | v. 28, n. 1, p. 53-70, jan./abr., 2017. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/rta/article/view/110460/128207>. Acesso em: 20 out. 2024.

CORBARI, S. D. BAHL, M. SOUZA, S. do R. **Impactos (turísticos ou não) nas comunidades indígenas brasileiras**. Turismo & Sociedade (ISSN: 1983-5442). Curitiba, v. 10, n. 3, p. 1-25, setembro-dezembro de 2017.

FUNAI. Fundação Nacional do Índio. Instrução Normativa nº 03, de 09 de março de 2015. Dispõe sobre as normas para visitação em terras indígenas. Diário Oficial da União, Brasília, DF, 2015.

FUNAI. Fundação Nacional do Índio. **Plano de visitação em terras indígenas do Alto Solimões**. Brasília, DF, 2017.

FUNAI. Fundação Nacional do Índio. **Relatório técnico de visitação à Comunidade Betânia – Alto Solimões**. Brasília, DF, 2020.

ORGANIZAÇÃO MUNDIAL DO TURISMO - OMT. **Código Mundial de Ética do Turismo**. Santiago do Chile: OMT, 1999.

ORGANIZAÇÃO INTERNACIONAL DO TRABALHO (OIT). **Convenção nº 169 sobre Povos Indígenas e Tribais**. Genebra: OIT, 1989.

OLIVEIRA, T. A. **Vivências culturais e sustentabilidade em territórios Tikuna**. Manaus: UEA Edições, 2021.

PEREIRA, A. M. O. **O turismo comunitário como alternativa sustentável no Alto Solimões**. Manaus: EDUA, 2019.

MENEZES, R. L. **Turismo em comunidades indígenas: o caso da Betânia Mecürane no Alto Solimões**. Revista Brasileira de Turismo Sustentável, v. 8, n. 1, p. 60-74, 2022.

MINAYO, Maria Cecília de Souza. **O desafio do conhecimento: pesquisa qualitativa em saúde**. 7. ed. São Paulo: Hucitec, 2001.

SOUZA, J. P. de. **Turismo étnico e comunidades indígenas no Alto Solimões**. Revista Brasileira de Turismo Cultural, v. 12, n. 2, p. 45-58, 2020.

SOARES, M F. **Povos Indígenas no Brasil: Ticuna**. Disponível em: <https://pib.socioambiental.org/pt/Povo:Ticuna>. Acesso em: 11 out. 2024.